



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 11 de Abril de 1979

A nossa solidariedade com Cristo que sofre

1. Durante a Quaresma, a Igreja, referindo-se às palavras de Cristo, ao que ensinaram os profetas do Antigo Testamento, e à própria tradição de séculos, exorta-nos a uma especial solidariedade com todos quantos sofrem e experimentam dalgum modo a pobreza, a miséria, a injustiça e a perseguição. Disso falámos na quarta-feira passada, continuando as nossas reflexões quaresmais sobre o actual significado da penitência que se exprime por meio da oração, do jejum e da esmola. A exortação à solidariedade, em nome de Cristo, com todas as tribulações e as necessidades dos nossos irmãos, e não apenas com aqueles que entram no raio do nosso olhar e da nossa mão, mas com todos, mesmo com os gritos das almas e dos corpos atormentados, é quase a essência mesma de viver espiritualmente o período da Quaresma na existência da Igreja. Na última semana da Quaresma — depois de tais preparações (e só depois delas) — a Igreja exorta-nos *a uma particular e excepcional solidariedade com o próprio Cristo que sofre*. Embora nos acompanhe, durante todas as semanas deste período, o pensamento da paixão de Cristo, só todavia esta semana, a única no sentido pleno da palavra, é a semana da Paixão do Senhor. É a Semana Santa. A chamada a uma particular e excepcional solidariedade com Cristo que sofre faz-se sentir no fim do período quaresmal. Faz-se sentir quando está já desenvolvida em nós a atitude de conversão espiritual, e particularmente o sentido de solidariedade com todos os nossos irmãos que sofrem. Corresponde isto à lógica da revelação: o amor de Deus é o primeiro e maior mandamento, mas não pode cumprir-se fora do amor do homem. Não se cumpre sem este.

2. Ao mesmo tempo *os mais profundos e mais fortes impulsos do amor* devem brotar desta Semana, na qual somos chamados a uma particular e excepcional solidariedade com Cristo, na sua paixão e morte na Cruz. *Deus de facto amou tanto o mundo — o homem no mundo—que lhe deu o seu Filho único (Jo. 3, 6)*. Deu-o à paixão e à morte. Contemplando esta revelação de amor que parte de Deus e se estende até ao homem no mundo, não podemos deter-nos mas devemos retomar o caminho «do regresso»: o caminho do coração humano que vai até Deus, o caminho do amor. A Quaresma — e sobretudo a Semana Santa - deve ser, cada ano da nossa vida na Igreja, um novo início deste

«caminho do amor». A Quaresma identifica-se, como vemos, com o ponto culminante da revelação do amor de Deus para com o homem.

Portanto a Igreja exorta-nos a determo-nos, de modo particularíssimo e excepcional, ao lado de Cristo, só junto d'Ele. Exorta-nos — como São Paulo — (pelo menos nesta semana) a *não sabermos coisa alguma ... a não ser Jesus Cristo e Este crucificado* (1 Cor. 2, 2). Esta exortação dirige-a a Igreja a todos: não só à inteira comunidade dos crentes, a todos os seguidores de Cristo, mas também a todos os outros. Parar diante de Cristo que sofre, encontrar a pessoa em si mesma a solidariedade com Ele — eis o dever e a necessidade de todo o coração humano, eis a verificação da sensibilidade humana. Nisto se manifesta a nobreza do homem. A *Semana Santa* é pois o tempo *da mais larga abertura da Igreja para a humanidade* e juntamente o tempo-vértice da evangelização: através de tudo o que durante estes dias a Igreja pensa e diz de Cristo, através do modo com que vive a Sua paixão e morte, através da sua solidariedade com Ele, a Igreja volta, ano após ano, às raízes mesmas da sua missão e do seu anúncio salvador. E se nesta Semana Santa a Igreja, mais que falar, se cala, fá-lo para que possa tanto mais falar o *próprio Cristo*. Aquele Cristo a quem o Papa Paulo VI chamou o primeiro e perene Evangelizador (Cfr. *Evangelii Nuntiandi*, 7).

3. A evangelização pratica-se com a ajuda das palavras. Precisamente *as palavras de Cristo pronunciadas durante a Sua paixão* têm força enorme de expressão. Pode-se também dizer que elas são lugar de especial encontro com cada homem; são a ocasião e o motivo para manifestar grande solidariedade. Quantas vezes voltamos àquele que os Evangelistas registaram como fio condutor da oração de Cristo no jardim das Oliveiras: *Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálix* (Mt. 26, 39)? Não sente deste modo cada homem no sofrimento, na tribulação, diante da cruz: «Passe de mim»? Quão profunda verdade humana está encerrada nesta frase! Cristo como verdadeiro homem, sentiu repugnância diante do sofrimento: *Começou a entristecer-se e a angustiar-se* (Mt. 26, 37) e disse: «Passe de mim ...», não venha, não se encontre comigo! É necessário aceitar toda a expressão humana, toda a verdade humana destas palavras, para as saber unir com as de Cristo: Se é possível, passe de mim este cálix, todavia não seja como eu quero mas como tu queres (Mt. 26, 39). Todo o homem, encontrando-se diante do sofrimento, encontra-se diante dum desafio ... É este apenas um desafio da sorte? Cristo dá a resposta dizendo: «Como tu queres». Não se dirige a uma sorte, a uma «sorte cega». Fala a Deus. Ao Pai. As vezes esta resposta não nos basta, porque não é a última palavra, mas a primeira. Não podemos compreender nem o Getsémani nem o Calvário, senão no contexto do acontecimento pascal completo. De todo o mistério.

4. Nas palavras da paixão de Cristo há *um encontro* particularmente intenso do *humano* com o *divino*. Já o demonstram as palavras do Getsémani. Depois, Cristo calar-se-á sobretudo. Dirá uma frase a Judas. Depois àqueles que Judas conduziu ao jardim do Getsémani para o prenderem. Depois ainda a Pedro. Diante do Sinédrio não se defende, mas dá testemunho. Assim também diante de Pilatos. E diante de Herodes *não respondeu nada* (Lc. 23, 9). Durante o

suplício realizam-se as palavras de Isaías: *Era como cordeiro levado ao matadouro, como ovelha emudecida nas mãos do tosquiador, não abriu a sua boca (Is. 53, 7)*. As suas últimas palavras caem do alto da Cruz. Explicam-se no seu conjunto com o decurso do acontecimento, com o horrível suplício e ao mesmo tempo, por meio delas, apesar da sua brevidade e concisão, transparece o que é «divino» e «salvífico». Compreendemos o sentido «salvífico» das palavras dirigidas a sua Mãe, a João, ao bom ladrão, como também das palavras que se referiam aos que o crucificaram. Perturbadoras são as últimas palavras dirigidas ao Pai: último eco e juntamente quase continuação da oração do Getsémani. Cristo diz: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste (Mt. 27, 46)*, repetindo as palavras do Salmista (Cfr. Sl. 21 (22), 1). No Getsémani dissera: *Se é possível, passe de mim este cálix (Mt. 26, 39)*. E agora, do alto da cruz, confirmou publicamente que o «cálix» não foi afastado, que tem de o beber até ao fundo. Tal é a vontade do Pai. De facto, o eco da oração do Getsémani é esta palavra: *Tudo está consumado (Jo. 19. 30)*. E, por fim, esta só: *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito (Lc. 23, 46)*.

A agonia de Cristo. Primeiro, a moral no Getsémani. Depois, a moral e física ao mesmo tempo, na Cruz. Ninguém, como Cristo, manifestou tão profundamente o tormento humano de morrer, exactamente porque era Filho de Deus; porque o «humano» e o «divino» constituíam n'Ele uma unidade misteriosa. Por isso, também aquelas palavras da paixão de Cristo, tão penetrantemente humanas, constituirão sempre uma revelação da «divindade» que em Cristo se ligou à humanidade, na plenitude da unidade pessoal. Pode-se dizer: era necessária a morte de Deus-Homem, para que nós, herdeiros do pecado original, víssemos o que é o drama da morte do homem.

Devemos, nesta Semana Santa, chegar a uma solidariedade particular com Cristo que sofre, que é crucificado e agoniza, para reencontrar na nossa vida a proximidade do que é «divino» e do que é «humano». Deus decidiu falar-nos com a linguagem do amor que é *mais forte que a morte*. Recebamos tal mensagem.

Saudações

Aos jovens

Dirijo-me agora, de modo especial, a vós rapazes e meninas, adolescentes e jovens, que vejo tão alegres e numerosos como sempre, nesta audiência:

Saúdo-vos com profundo afecto e agradeço a vossa presença, cheia de vida e entusiasmo. E ao mesmo tempo que a vós, desejo saudar os vossos pais e professores. Estamos na Semana Santa e meditamos a Paixão de Jesus, que terminará com a sua Ressurreição gloriosa: e por isso podemos também dizer que estamos na "Semana da Esperança". O mundo de hoje tem necessidade de esperança, encontra-se cada vez mais na dramática busca da "esperança que

não engana". A vós pertence, caros jovens, serdes no mundo de hoje os mensageiros da verdadeira esperança que é Cristo. Diga cada um de vós a si mesmo: quero ser apóstolo da esperança. Com estes votos, cheguem até vós o meu augúrio mais afectuoso e a minha Bênção Apostólica.

Aos Doentinhos

Neste encontro da Semana Santa, quero sobretudo saudar os doentes e os que sofrem, os que estão nesta Praça e os que — todos muito queridos ao meu coração — vivem, em grande número e muitas vezes na solidão, sobre a face da terra. Para eles dirige o seu olhar Jesus que sofre, Jesus crucificado, para infundir conforto e coragem, para tornar preciosa a cruz deles, não só para que se purifiquem e santifiquem pessoalmente mas ainda para bem da Igreja e da humanidade atribulada. Isto; amados filhinhos, vos diz hoje o Papa, rezando por vós.

Aos jovens Casais

Um momento de especial e afectuosa "atenção desejo dirigir em seguida aos esposos aqui presentes. Obrigado por virdes ter com o Papa: é sinal de fé, e a fé vos acompanhe sempre a vós e às vossas famílias; porque a fé é presença de Deus, e Deus é a fonte da alegria, do amor e sobretudo daquelas virtudes que tornam e sempre tornarão sólida, segura e serena a vossa união.

Copyright © Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana